
A TÉCNICA E OS VALORES ÉTICOS

*Denise Quintão**

No tempo do império da ciência e da técnica, as tarefas humanas deixam de ser um chamado à celebração da realidade. Partes de um projeto de controle planetário, as realizações humanas quase não conseguem mais ser atravessadas pela luz mística do pensamento. São atividades conduzidas por uma inteligência que traz consigo muito pouco da humanidade do homem. Trata-se de uma inteligência de reduplicação em série, de igualdade planetariamente extensiva, uma inteligência que programa, pelo acerto técnico, todos os níveis da existência.

Tudo é agora ideológico. Somente a partir do lugar mais profundo deste mundo técnico-contemporâneo, a humanidade do homem pode responder ao apelo do seu destino, i.é, a superação de si mesmo, sendo que nenhuma experiência, já dada e conhecida, poderá provocar e conduzir o despertar do espírito. É preciso saber esperar o inesperado, ensinaram os gregos, há dois mil e quinhentos anos, no fragmento 18 de Heráclito. No entanto, esta transformação só encontrará condições de ocorrer, hoje, pela

* Advogada, Doutora em Filosofia pela UFRJ

reapropriação da metafísica (in facto esse), qualquer que seja a sua expressão histórica, de maneira que a convivência amorosa, enquanto modo originário de ser, possa de novo ser lembrada no e pelo diálogo entre os homens.

A metafísica jamais conseguiu explicar (ek-plicare) os nós da ambigüidade que a constitui. Nem poderia, pois desfazer a tensão do real é o mesmo que querer não ser o que já se foi e, por isso mesmo, sempre se é. Nos recantos mais ocultos da proveniência e destinação metafísica, o homem pode encontrar a permanência e instalar o novo.

Superar não é sair de uma situação, nem ir para algum lugar ou chegar em um determinado ponto, mas esperar por uma transformação radical, capaz de conduzir todos os caminhos para os portões de um novo horizonte. Superar é mais do que uma pergunta pode esclarecer, é mais do que a filosofia pode preanunciar, é o abandono, descomprometido, ao que é digno de ser questionado. O abandono da superação da metafísica não possui natureza ôntica. Não significa abandonar alguma coisa, jogar fora, esquecer ou desprezar as conquistas alcançadas pela humanidade ao longo de seu caminho de realizações. O homem é, hoje, ciência e, isso, nenhuma atitude pode desfazer. Mas é, também, mais do que ciência que é e a transformação radical brota, justamente, da e na tensão entre ser e não ser.

Só se alcança o abandono da metafísica pelo desapego dos hábitos e interesses que povoam o mundo. Desapego não é a teatralização forjada de uma atitude ideológica, mas a verdade do ser. São Tomás, na parte da Súplica Teológica em que discute as virtudes, apresenta como fundamento do desapego, a verdade. Sem verdade, há, apenas, falsidade.

O desafio de questionar as profundezas da técnica, fenômeno que controla o homem contemporâneo, só se torna possível na

abertura da transformação. Não qualquer transformação, mas uma transformação que retorne às raízes do ser. A decadência, que se instala com a modernidade, não é decorrência de uma deficiência do processo metafísico. Todas as possibilidades de realizações do real, metafísicas e não metafísicas, atualizam-se na tensão entre plenitude e carência. Mas, a razão, enquanto fundamento da modernidade, acentua e alimenta, com as produções da técnica, como nunca antes ocorreu, a dificuldade de encontrar no ser a abertura do não ser.

O que Heidegger chama de decadência, em sua conferência, *A Técnica, não pode ser*, superficialmente, compreendido por um paradigma valorativo ético, mas tão somente, por uma perspectiva ontológica. Atolado em ideologias e cego pelas convicções, o homem contemporâneo se perde, cada vez mais, de si mesmo e não consegue ver e lidar com sua própria dificuldade de ser. O homem sonda e investiga espaços longínquos, planeja estações espaciais, como solução para diversos problemas, que provavelmente se acentuarão nos próximos séculos. Mas, a questão que jaz silenciosa em todas as angústias contemporâneas diz respeito às possibilidades de reencontro do homem consigo mesmo e, em si mesmo, com o outro, tanto o outro do outro, como o outro de si mesmo. Hegel, no século XIX, preanunciou o fim da arte, o esgotamento de uma criatividade primordial capaz de fazer aparecer na matéria (*hyle*, princípio que dá sustentação às realizações, sejam elas feitas de mármore ou ditas pela palavra) a tensão inaugural do mistério. No século XXI, a situação se mostra bem mais grave.

O processo de globalização do mundo moderno-contemporâneo empobrece a singularidade dos homens. Através da divulgação de um falso princípio de igualdade, que promete, sem esforço e sem obstáculos, com alto índice de eficiência, as mesmas oportunidades para todos, a técnica reduz a condição

criativa do pensamento, substituindo-a por um automatismo funcional, baseado em repetições. Na perspectiva desta conjuntura, princípios éticos poluem as relações humanas, impondo a pior das ditaduras já vistas.

Não há generosidade nas benesses da técnica. Elas custam caro e, em razão da força imperial que trazem em si, aos povos que não possuem condições econômicas de adquirir as comodidades e os avanços oferecidos, restam apenas a miséria e a solidão. A técnica, praticamente, extinguiu as condições de uma vida natural, que garantissem a diferença cultural de uma vida em harmonia mais direta com a natureza. Desertificou a terra, simbólica e fisicamente, exterminou florestas e áreas de cultivos, acabou com várias espécies de animais e plantas, escasseou e contaminou a água, tornou o clima muito mais inóspito nas regiões habitáveis, expandiu o tráfico de armas e de drogas, tornando-os fundamento da economia internacional. Mas, estas não são ainda as maiores tragédias que a técnica trouxe ao mundo. A maior de todas é o desalento, a impotência, que cada homem sente diante da cupidez criminosa dos sistemas, que desumanamente submetem-no às suas regras arbitrárias e abstratamente apartadas da problemática humana. Nada parece dar conta das forças destrutivas que assolaram o mundo e penetraram em todas as esferas de poder e em todos os tipos de instituições, corrompendo por dentro os povos e as nações. O homem nunca esteve tão só na história. Este estado de coisas, Nietzsche mostrou na célebre passagem da Gaia Ciência em que o Homem Louco dirige-se à cidade, procurando Deus com a lanterna na mão e diante da descrença e da zombaria dos moradores da praça denuncia o assassinato de Deus.

A morte de Deus é a morte do homem, o esquecimento do amor, da esperança e da criatividade que habita e abriga o seu modo pessoal de ser. Assassinar Deus é negar a condição reflexiva de se

saber todos os homens em cada um e em cada homem todos os seres. Na angustiada procura por Deus da Gai Ciência está em jogo não só a miséria de cada homem, mas o niilismo de uma época. Sem compreender a tragédia de fundo de suas vidas, os moradores do lugar riam de um louco que anunciava a morte de um deus, que nem sequer existia! O perigo é que lemos a Gaia Ciência, aplaudimos e enalteçemos o exotismo poético de Nietzsche, pensando, ingenuamente, que o poeta fala de um grupo de homens, ao qual não pertencemos.

A história das fundamentações tira o real de foco, priorizando, cada vez, uma dada interpretação do real. Mas, o homem que acolhe livremente a experiência da *physis* é o mesmo que constrói o real com a “sua” razão. É este homem primordial, solo de todas as peripécias da história, a clareira em que o pensamento, força de reunião e instalação do ser, se endereça transparente e especularmente.

Platão na *Politéia*, Livro IX, apresenta, como uma das três formas de desfiguração da justiça, a manutenção da democracia pela autoafirmação de um discurso demagógico, que não escuta e não obedece à voz do *ethos*. O homem não é um ser que, apenas, se dá na proximidade ontológica com outros seres, como o rio e a pedra. O homem é, antes mesmo da sua própria constituição, uma dinâmica comunitária, imagem do mistério em que emerge. Recebe sua ontologia da profundidade abismal da vida, cujo envio dispõe a região do humano em sentidos, que edificam, cada vez, o mundo. O ser do homem, no e como mundo, espelha a realização comunitária da origem. O animal recebe a diferença como igual. Por isso, o animal não é um ser *ek-sistente*, capaz de fazer aparecer no que é e não é, o que pode vir a ser. A transformação do real em mundo acontece pelo acolhimento da diferença como diferença. Só há transformação e identificação na e pela força existencial de

ser com o outro, para o outro e no outro. Não há nesta compreensão do ser diferença entre essência e existência. A existência é a concretização (*cum-crescere*), sempre singular e contínua, das possibilidades concentradas de vir a ser. Mundo é a dinâmica de instalação re-flexiva e com-apreensiva do Sentido inaugural de todas as coisas, de maneira que, no mundo, tudo que pode ser se mostra na edificação reveladora das obras humanas. O homem, através do fazer criativo (*poiein*), deixa aparecer, nos limites de cada ser, a inesgotabilidade insondável da realidade. O sinal dos tempos chega da interação entre o divino e o humano e se faz história. Não é num fato sobrenatural ou extraordinário que vamos encontrar os indícios do novo, mas aqui e agora, no cotidiano de todos os homens. Somente no empenho de se aprender a escutar, ver e esperar podemos entrever o futuro no encobrimento do presente.

Tudo que o homem toca torna-se mundo, não importa se por meio de uma consciência natural, fenomenológica ou eidética. É o mito de Midas no império da Técnica. O desafio constante da liberdade do espírito projeta o homem, continuamente, para fora de si mesmo, num empenho de conquistar o que já é (*ek-sistentia*). A grandeza do homem é saber ser a morada do mistério originário de todas as coisas. A morada do ser é a linguagem, diz Heidegger. A sabedoria que abriga todos os homens é o farol que ilumina o modo livre de ser (*ethos*). O evangelho testemunha a revelação de um ser responsável, cuja morada é a liberdade: “só o homem não tem onde colocar a cabeça”. O homem mora no espírito, na liberdade, na linguagem, por isso é sempre um estrangeiro em sua própria casa. Ao fazer a experiência de ser, faz também a experiência de nada ser. “De todos os seres o mais estranho é o homem”, diz Sófocles em *Antígona*. Linguagem é liberdade, criatividade. A relação repetitiva que o homem estabelece com a técnica coloca o risco de torná-la um mero habitat onde o homem constrói seu ninho e se esconde dos ventos da liberdade.

A “ética moderna” instala-se na medida em que o entendimento e a orientação da convivência humana deixam de escutar os ecos da voz comunitária. Enfraquecidas do seu próprio, as relações passam, mais e mais, a receber uma formulação normativa, que provém de um padrão de ser imperial e se cristaliza em registros positivamente instituídos, buscando, dessa forma, proteger e manter o poder estabelecido. Hoje, quase dois mil e quatrocentos anos depois da experiência arcaica de ser, depositada na palavra *ethos*, se manifesta e cresce a *agwgue* (substantivação feminina tardia do verbo *agw*, cujo significado principal, conforme o dicionário de grego Lidell and Scott, diz conduzir para, através de, ou ainda, seduzir uma pessoa pela fala) da ética, entendida como princípios postos pela imposição de uma ideologia, ainda que travestida de reflexão filosófica. Por meio desta *agwgue* ética, os discursos oficiais (governamentais) e paraoficiais (ongs, intelectuais de todas as áreas e ideólogos) encobrem interesses nacionais e internacionais, completamente desvinculados da preocupação com o humano, pela simulação de uma atitude voltada para uma “qualidade” superior da vida, que a técnica pode oferecer. Para a realização desse ideal, a técnica exige uma adesão incondicional, uma escravidão jamais vista: exige que todos os esforços e empenhos de orientação de vida lhe sejam devotados. Hoje, todas as ideologias são filhas da técnica, nenhuma política nacional se sustenta independente dos interesses internacionais da tecnociência. O comunismo é um capitalismo de Estado, um capitalismo tão selvagem quanto o capitalismo da iniciativa privada. A autodeterminação dos povos virou uma sombra do passado, uma retórica vazia de sentido real.

Nada pode existir fora do controle da técnica, nem a vida, nem mesmo a morte. A inércia da população é alimentada com o desestímulo de qualquer iniciativa. Fica a impressão, provavelmente deliberada, de que o Estado é responsável por todos os erros. Ora,

o Estado é uma abstração e as dificuldades do povo são concretas e pessoais. O sistema global não deixa margem para uma responsabilização singular, que se torna cada vez mais rara e se concentra em mãos difusas e distantes das vítimas e das conseqüências da negligência e dos abusos cometidos. Com a neutralização pessoal dos atos cometidos e das decisões tomadas, fica cada vez mais difícil para o homem recuperar sua dignidade, seja ele a vítima, seja ele o algoz.

As raras comunidades que insistem num modo diferente de ser assistem as condições criativas de sobrevivência e convivência, serem, pouco a pouco, engolidas por padrões técnicos e substituídas pelo prazer mórbido e individual de emoções que vêm de fora do homem. A possibilidade de resistência encontra-se nas relações pessoais que cada um pode estabelecer com o mundo da técnica. A pessoa torna-se o lugar de superação, transformação e libertação. Por isso mesmo, uma das grandes preocupações da técnica é impossibilitar as realizações pessoais e dar primazia às realizações coletivas e de massa, ou seja, individuais.

Muitos desatinos contra a unidade da vida e a harmonia da convivência são praticados em nome da satisfação individual, prometida pela técnica: há todo um marketing que é feito no sentido de convencer sobre o caráter ético da fertilização artificial, das pesquisas de células tronco-embrionárias, da eutanásia, do aborto, da transposição de rios, das decisões judiciais que violam os direitos adquiridos ou desrespeitam o princípio da inocência, do corporativismo e do nepotismo que conduzem as ações e os concursos públicos, dos pactos sindicais, entre milhares de outras investidas necessárias para manter o jugo de um poder invisível, sem nome e sem perfil. As iniciativas pessoais são obstaculizadas e as associações e ações coletivas, sindicais e institucionais estimuladas. Coletividade e massa são agrupamentos individuais,

sendo que na massa as expectativas do indivíduo se desfiguram no apelo indeterminado da multidão. Ambas são realizações de convivência, que ignoram os clamores comunitários em favor do interesse individual. Nelas, os homens unem-se cada um por si e a organização por todos.

Neste impulso desagregado e empobrecido de ser, valores são artificialmente construídos e normas positivamente impostas, de maneira que os atos praticados sejam legítima e legalmente aceitos. Todos se tornam cúmplices. Não há inocentes. O homem perde, cada vez mais, a força física e espiritual com que foi gerado, levado pela avalanche das ofertas da técnica. O desempenho físico que os atletas exibem nas Olimpíadas nem chegam perto daquele que possuíam os homens da Antiguidade arcaica. Basta visitar nos museus as armas e armaduras, as lanças e os equipamentos de produção e treino que pertenciam às atividades bélicas, esportistas, profissionais e religiosas. Para os antigos tudo era celebração, todas as realizações eram atravessadas pela profundidade do mistério. Nada era banal, tudo era colossal.

O valor não é algo em si mesmo, mas uma experiência cumulativa, circuncêntrica e transformadora que, cada vez, o homem faz da vida. A admissão de valores absolutos gera um comportamento culturalmente discriminatório responsável por grandes violências cometidas contra o humano dos homens. Acreditando num valor absoluto, Hitler perseguiu e matou milhares de seres humanos, judeus, alemães e de todas as nacionalidades. Quando os etíopes fugiram das invasões russas e juntaram-se em acampamentos humanitários no Sudão, Israel só admitiu a entrada dos etíopes judeus. Perseguiu e expulsou de volta, para os acampamentos, os cristãos, que simularam pertencer ao povo judaico, esperando encontrar na terra prometida uma vida digna. Em nome da fé em Cristo, muitos homens morreram queimados,

torturados ou brutalmente assassinados em guerras santas. O homem-bomba é terrorista, mas a bomba que cai do céu é humanitária, embora mate qualquer um que estiver na mira do instrumental bélico. Tudo depende do lado em que se está. Em nome dos direitos humanos, a vida na cidade torna-se insuportável, enquanto o tráfico enriquece e mata cada vez mais indiscriminadamente. Os cidadãos ficam entregues à própria sorte, enquanto os direitos dos criminosos são avidamente defendidos por todas as instâncias do judiciário. Os instrumentos populares de decisão, originariamente previstos na Constituição, são desesperadamente evitados ou aplicados somente se devidamente amparados por uma propaganda voraz que devora a dignidade do cidadão, retirando-lhe qualquer discernimento crítico.

Raimundo Lullo saiu da Espanha para assistir a aula de Duns Escoto na Universidade de Paris, no século XIII. Lá chegando sujo e maltrapilho de uma viagem andarilha de mais de três meses, entrou na sala em que Duns Escoto ensinava gramática gerativa e sentou-se. Ao final da aula, mesmo quando todos já haviam se retirado, permaneceu sentado. Duns Escoto curioso com a visita inusitada perguntou-lhe: E, Deus, que parte da gramática é? Raimundo Lullo respondeu: Deus não é parte, Deus é o todo. Todo aqui não é um conjunto completo, um conjunto cheio, mas uma dinâmica integradora das diferenças em cada realização. Cabe perguntar, na dispersão caótica da contemporaneidade: e a Verdade que parte é? Diria Raimundo Lullo: a Verdade não é parte, é o todo.

Os servidores da técnica divulgam e incentivam uma escala infalível de valores. Na intencionalidade comprometida de tal atitude, a eternidade dura o tempo do inesperado, quando uma revolução do espírito ou um a tragédia natural deixa aparecer a fragilidade de nossas convicções, adesões e crenças.

Em cada homem, em cada instante da existência singular e comunitária, o valor assume o perfil e a nuance de uma realização. Ninguém é bom da mesma maneira, nem da mesma maneira o tempo todo. O homem é sempre um todo em contínua formação de si mesmo e encontra inspiração de viver, na dinâmica originária de seu ser comunitário, tornando, desta forma, a existência humana uma conquista de todos em cada um. Quando o homem tem fome e sede, é como homem, que decide o que fazer para satisfazer sua necessidade física. Não age como um animal, que simplesmente bebe ou come. Pode, até mesmo, morrer de sede ou de fome, em razão de um sentido maior de vida. Os valores vitais (ver a divisão metafísica de valores), a água, a comida, a própria vida, diante dos quais o homem atenderia a um apelo de sobrevivência, tão forte, capaz de eximi-lo, até mesmo, da culpa de morte, tornam-se, para o homem, cada vez, uma experiência singular. As exceções do Código Penal não tornam morais as ações cometidas em estado de necessidade ou legítima defesa, apenas, apontam a fragilidade e a dificuldade inerentes ao empenho e ao esforço que devem conduzir a conquista e a construção da humanidade dos homens. Matar em legítima defesa é um ato humano, no entanto, o esforço de não matar, ainda que em legítima defesa, é um ato livre do homem, que supera os limites do humano. O espírito da história nos legou uma lição com as conquistas de Alexandre, o Grande: atravessando o deserto, seus generais lhe levaram uma caneca com toda água recolhida dos cantis dos soldados. Alexandre diante do exército sedento derramou as últimas gotas de água nas areias escaldantes do deserto, dizendo para seus homens estupefatos: para se atravessar um deserto não é preciso água, mas espírito. Alexandre não queria dizer que o homem não precisa de água no deserto ou que pode não sentir sede sem beber água, mas, sim, que o homem pode superar a sede na morte, por um sentido de vida. O vigor de ser comunitário, fonte de qualquer sociedade, seja

arcaica ou contemporânea, seja democrática, seja facista, fonte de qualquer convivência ou relacionamento, acolhe e transcende, na diferença do espírito, o viver coletivo, próprio da natureza sensível do animal. O sensível no homem é humano, integra uma totalidade transparente para si mesma, em permanente realização de seu próprio modo de ser, que a história tem chamado ora de espírito, ora de liberdade. Liberdade não é o mesmo que permissividade, um querer fazer o que se quer, sublinaramente sugerido e positivamente regulado por valores forjados pela técnica na mentalidade comum, tais como propriedade coletiva ou particular, direitos humanos e direitos individuais. Estes valores são paradigmas ideológicos, mudam com o tempo, com a história, com as crenças. Liberdade é a referência constitutiva do comportamento humano com o mistério em que os seres brotam. Em tudo o que o homem faz, em tudo o que o homem é, o mistério se mostra. Ser livre em sua humanidade é, antes de tudo, respeitar o mistério que se anuncia em todas as coisas. Por isso, na radicalidade de nossa existência não há, e nem pode haver, explicações para tudo. Tal não é a mentalidade da ciência, nem mesmo da ciência do direito, cuja expectativa consiste em explicar todos os fatos e regular todas as situações.

A existência humana é sempre a verdade que, cada vez, conquista do ser lhe desvela. A técnica mostra uma face da condição humana, com a qual o homem deve aprender a lidar, de maneira desprendida e generosa, acreditando na força do acolhimento das diferenças, em vez de impor o domínio de um poder, pela expansão de uma igualdade perversa, que esvazia a vida da diversidade.

A dicotomia axiológica que se faz entre relativismo e objetivismo reduz o sentido que o homem, cada vez, realiza na história. Os valores surgem no esquecimento da ambigüidade originária de sua própria condição de ser, ambigüidade que possibilita, funda e ilumina as ações humanas. É o que Heidegger

chama de pré-compreensão, para lembrar que o homem não é o que decide ser, mas só decide ser alguma coisa, porque já se encontra tomado por uma decisão, originariamente encaminhada. A pré-compreensão é uma abertura, não é algo que se possa definir, mas que nos conquista a cada instante. Vem e não vem de fora do homem, vem e não vem do interior do homem, supera toda e qualquer tentativa de apreensão. A pré-compreensão instala o combate de ser no Ser, para ser o que se é e não é. Os valores referem-se à experiência que, cada vez, o homem faz do esquecimento do mistério, em que emerge. Não se diz isso a partir de uma falta de critérios ou de orientação, mas na força da abertura livre de ser.

O que garante que, nesta abertura, a humanidade não se torne maldita, uma raça de seres capazes de qualquer atrocidade? Tão somente a lembrança do mistério doador, no e do qual recebemos a vida. Se esta filiação for esquecida, não há valor que dê jeito, não há norma que regule nenhuma ação. Só nesta lembrança o homem permanece na e como história, dinâmica de realização que testemunha a grandeza criativa que a condição humana recebe do mistério. Na repetição monótona e incansável da técnica, o homem pode deixar de ser história para ser apenas técnica porque, para ser história, o homem precisa se entregar à provocação de pensar o mistério, a partir da finitude. Cada homem traz as condições, sempre singulares, de responder ao apelo do divino em si. É esta resposta que o define como um ser vigoroso, pois o vigor do homem se realiza pelo exercício da liberdade que recebe, pela profundidade do pensamento que o espírito acolhe. Para Platão, o ser é vigoroso (virtuoso) na realização própria de cada um. Assim, ser um cavalo é ser propriamente um cavalo. Ser homem é obedecer, livremente, à voz do mistério em si. Como diz Boécio, um dos primeiros sistematizadores da metafísica cristã, o homem quanto mais se

afasta do centro divino da Providência, mais se deixa arrastar pelas dificuldades, tentações e vícios que assolam a natureza humana.

Essas considerações não são de fácil degustação pela prepotência contemporânea. Compreender o sentido que une todos os homens numa fraternidade implica um esforço fenomenológico e pessoal de ser, que não pode dispensar a experiência da liberdade de ser no mundo de todos. Para Husserl, a ética possui uma densidade que não se refere, apenas às razões aceitas por uma ordem moral, acerca de uma escolha comportamental. Só há ética diante de uma aplicação metodológica da fenomenologia. Portanto, a ética, em sua verdade, pertence não, somente, a uma profundidade eidética da consciência, mas também, às condições históricas de uma época. Como fenomenologia, a ética é a apreensão do pensamento no fenômeno da convivência humana. Não há ética sem pensamento, não pode, portanto, em Husserl, a ética sobrepor-se ao pensamento.

A subjetividade transcendental, relativa às diferentes perspectivas, apreende o mundo como objeto da consciência. No elã de compreender a si mesma, a epoché fenomenológica do sujeito transcendental tematiza esta apreensão do mundo como fenômeno, isto é, tematiza o aparecer do mundo em sua unidade e totalidade trans-subjetiva. No aparecer do mundo, enquanto fenômeno, a presença de outros sujeitos, no conjunto relacional de suas vidas ativas, também, se evidencia.

A epoché radical torna evidente a ética “essencial” (afetividade ontológica, entendida como ser para o outro e com o outro), que instala as possibilidades das relações intersubjetivas, na esfera primordial. Trans-subjetiva é a dinâmica relacional que instaura, entre sujeitos transcendentais, relações intersubjetivas, a partir da alteridade originária, que estrutura a consciência como um todo. O

outro é constitutivo da consciência. Sem outro não há consciência. A instalação do ego originário implica na tensão de uma alteridade. O fluxo da vida brota no real e corre para o real que a consciência é, como alteridade da própria consciência, derramando-se, de novo para fora da consciência em busca do real, como alteridade temática.

A epoché, qualquer que seja o nível da consciência, faz emergir, no e do fluxo da vida, os laços da diferença e da identidade entre sujeito e objeto. Assim, pelo movimento de remissão do real à consciência (epoché), movimento diferenciador do sujeito e do objeto, não só a proximidade de um sujeito com outro sujeito torna-se possível, como a profundidade dos níveis da proximidade evidencia-se á consciência. Na ética de Husserl, diferença não é exclusão, nem discriminação, mas condição de identificação e de relacionamento, tensão sem a qual não há consciência. Diz Husserl, em *La Crise des Sciences Européenes* que, na profundidade radical da epoché, o “eu”, absorvido pelo vazio do salto, não está nunca isolado ou mesmo separado da comunidade dos homens, qualquer que seja a circunstância, ainda que esteja perdido no deserto. O eu e o outro são, sempre, reciprocamente constitutivos. É, justamente, no vazio em que se instala a transformação transcendental da consciência, que o sentido de convivência emerge na e para a consciência do sujeito transcendentais. É no e do vazio da consciência que pode emergir um novo mundo mais digno para todos os homens, independente das diferenças culturais.